

## TENSÕES ENTRE BIOGRAFIA E FICÇÃO: AS *ESCREVIVÊNCIAS* DE LIMA BARRETO EM *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA*

TENSIONS BETWEEN BIOGRAPHY AND FICTION: THE *ESCREVIVÊNCIAS* OF LIMA BARRETO IN *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA*

Recebido: 27/04/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2787

Robenylson de Oliveira<sup>1</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-0999-0867>

Camila Bylaardt Volker<sup>2</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7554-5406>

**RESUMO:** Este trabalho é resultado de pesquisas, debates e leituras críticas realizados durante a jornada de iniciação científica (2020-2021). O objetivo do estudo é aproximar o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) de discussões concernentes à contemporaneidade por meio de um conceito inaugurado por uma escritora contemporânea. Para isso, a intenção é debater o conceito *escrevivência* de Conceição Evaristo e analisar o romance de Lima Barreto (1881-1922), a fim de discutir que a ficcionalização da memória difere de uma autobiografia. Além disso, pretende-se revisitar brevemente alguns estudos referentes à fortuna crítica de Lima Barreto e revigorar as reflexões sobre a história por intermédio da leitura a contrapelo. E, assim, estar em harmonia com a ideia agambeniana do que é o contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Barreto; Evaristo; *escrevivência*.

**ABSTRACT:** This work is the result of research, debates and critical readings carried out during the scientific initiation journey (2020-2021). The objective of the study is to bring the romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) closer to discussions concerning contemporaneity through a concept inaugurated by a contemporary writer. For this, the intention is to debate Conceição Evaristo's concept of *escrevivência* and to analyze the romance by Lima Barreto (1881-1922), in order to discuss that the fictionalization of memory differs from an autobiography. In addition, it is intended to briefly revisit some studies referring to the critical fortune of Lima Barreto and reinvigorate reflections on history through reading against the grain. And, thus, to be in harmony with the Agambenian idea of what is contemporary.

**KEYWORDS:** Barreto; Evaristo; *escrevivência*.

### Introdução

Este trabalho é fruto de pesquisas, debates e leituras críticas realizadas durante o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), financiado

---

<sup>1</sup> É graduado em Letras - Língua Portuguesa na Universidade Federal do Acre. Atuou como pró-docente no colégio de aplicação - cAp. Cooperou no Projeto de Extensão "Relatos de Maternidades: às margens da pandemia" no período de 09/2020 a 12/2020. Além disso, atuou como bolsista no programa Institucional de Iniciação Científica - PIBIC no projeto: "Traços do moderno no final do século XIX: O Triste fim de Policarpo Quaresma e os Manifestos modernistas". E-mail: [robenylsonn@gmail.com](mailto:robenylsonn@gmail.com)

<sup>2</sup> É bacharel em Latim pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004), possui mestrado em Teoria Literária pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007) e doutorado em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (2017). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Acre. E-mail: [camilabyla@gmail.com](mailto:camilabyla@gmail.com)

pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O pressuposto da análise é a ideia agambeniana sobre o contemporâneo, quando ele nos dirá que “o essencial é que consigamos de alguma maneira ser contemporâneos esses textos” (AGAMBEN, 2009, p. 57). Nesse sentido, aproximaremos o texto *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) de um conceito criado por Conceição Evaristo, de maneira a revigorar as discussões acerca de um romance que “recebeu uma crítica impiedosa, que o acusou de ser um romance à *clef*, isto é, muito influenciado pela experiência pessoal do autor e, portanto, carente de imaginação” (SCHWARCZ, 2017, p. 213). Assim, a partir do termo inaugurado pela escritora contemporânea, o trabalho deseja propor uma possibilidade de percepção do romance barretiano por meio do conceito de *escrevivência*: a ficcionalização da experiência ou, segundo Evaristo (2007), seria a escrita experimentada por um corpo negro no Brasil.

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) é um escritor brasileiro conhecido pela autoria de narrativas permeadas de personagens desventurados, vitimados pela opressão social e marginalizados, pois ele próprio sentiu na pele os efeitos da segregação racial e, por meio de sua escrita conseguiu “cutucar” diversas instituições sociais, pois sua literatura possui um “destino militante<sup>3</sup>” (SEVCENKO, 1983, p. 163). O destino militante de Lima Barreto pulsa em seus escritos desde o seu primeiro romance publicado. A história do personagem Isaías Caminha possui similaridades com a biografia de Lima Barreto e contém alguns acontecimentos históricos do país, porém, a obra não se limita a um retrato da vida do escritor ou da História. O leitor precisa levar em consideração que, embora a experiência do autor esteja presente no texto, existe a construção interna da narrativa que corresponde ao plano ficcional. Para Albuquerque (2020), é necessário entender a obra literária como condutora do universo imaginário (a ficção) e, ao mesmo tempo, possui condições para interpretar, questionar e conduzir aspectos da realidade.

Por se tratar de um texto em que há uma tensão entre a vida do narrador e a identidade do autor, é comum que determinadas análises se apeguem aos aspectos

---

<sup>3</sup> Segundo Sevcenko (1984), os temas das obras do Lima Barreto incluem movimentos históricos, relações sociais e raciais, transformações sociais, políticas, econômicas, e culturais, além de uma gama de temas pertinentes à sociedade que vários escritores da época se esquivaram de retratar em suas obras.

biográficos e/ou históricos. Todavia, a análise proposta tentará não se apegar unicamente a experiência de um escritor negro que usou a literatura como um veículo de denúncia social, mas buscará explorar as possibilidades do texto literário e, para isso, contará com as contribuições de Barthes (2007), que nos ajuda a entender a articulação feita pelo narrador ao retirar objetos descritos de sua função natural e os transformar em um espetáculo para o leitor e, assim, pretende-se “escovar a história a contrapelo”, tal como Benjamin (1985) recomenda. Antes disso, é de suma importância dar um breve passeio pela crítica.

### **Breve passeio crítico**

Cabe lembrar algumas contribuições teóricas que já debateram a obra de Lima Barreto e sobre o seu olhar particular com relação às questões sociais e o cunho memorialístico de seus escritos, afinal de contas, Nogueira (2011) aponta que Lima Barreto vivenciou episódios importantes da História do país, como: a abolição da escravatura e Proclamação da República e sentiu os efeitos desses episódios em sua vida, principalmente no que tange ao preconceito racial e, diante disso, tratou de abordar esses temas em seus textos.

Em 1952, Francisco de Assis Barbosa lança *A vida de Lima Barreto*, quando explorou a biografia conturbada do autor, que muitas vezes foi esquecido enquanto estava vivo. Com o seu livro de estreia não seria diferente, a narrativa do jovem Lima Barreto não agradou a crítica da época e, isso, o fez sentir-se mal interpretado. Barbosa (2002) pondera que o romance inaugural do carioca não seria apenas um “álbum de fotografias”, seria a história de um jovem em conflito com a sociedade, dito isso, as demais semelhanças seriam puramente circunstanciais.

Sua intenção ia além de uma mera descrição de fatos, como visto pela crítica. Lima Barreto dava indícios de seu método desde a sua primeira publicação. Com suas obras esperava “escandalizar e desagradar”<sup>4</sup> (BARRETO, 1956, p. 169-170), no entanto, conforme indica Resende (2004), apesar de o Brasil ter abolido a escravidão quando o carioca tinha apenas sete anos, o país ainda não estava disposto a dar espaço no campo literário para um escritor negro, assim, estamos em face de uma escrita inconformada.

---

<sup>4</sup> In: Correspondência Ativa e Passiva (1º tomo). BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Obras Completas. BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). São Paulo: Brasiliense, 1956, 17 vv.

Carmem Lúcia, em seu artigo *Lima Barreto e o romance: o crítico e a crise* (2014), indica que o romance de estreia de Lima Barreto já apresentava uma estética discordante com o movimento literário vigente. Ainda, indo na contramão do que o leitor pode pensar ao passear pelas páginas das recordações de Isaías, Figueiredo (2014) mencionará que é impossível o romance se tratar de uma autobiografia, visto que o personagem não demonstra conhecimento de si e a sua narração mais questiona o leitor do que aprofunda em sua identidade. Para Figueiredo (2014) o protagonista não traz respostas sobre a sua identidade, pelo contrário, ele formula perguntas e lança para o leitor.

Segundo Schwarcz (2017), com a publicação de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), Lima Barreto ganhou vários inimigos no jornalismo; com *Numa e a ninfa* (1915) teceu críticas severas aos políticos; em *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) denunciou, entre diversos pontos, o patriotismo romantizado e ingênuo da elite da época. Essas são algumas dentre diversas produções barretianas que o fizeram ganhar diversos desafetos, mas evidenciaram um traço importante da sua obra: o trânsito entre “o plano ficcional, o plano histórico e o plano autobiográfico” (RESENDE, 1993, p. 11).

Revisitar alguns estudos que já se debruçaram sobre a escrita de Lima Barreto é imprescindível para notarmos que os escritos barretianos foram/são bastante visitados ao longo dos anos e, isso, nos daria facilmente a falsa sensação de saber bastante sobre as produções de Lima Barreto, pois, segundo Bergamin (1957), aquilo que julgamos saber demais esquecemos com facilidade, isso significa dizer que, embora a obra de Lima Barreto tenha sido bastante debatida nos últimos anos e já se apontem características marcantes em sua escrita, como: traços memorialísticos, sociológicos e históricos, podemos nos apegar a eles e correremos o risco de negligenciar novas percepções do texto e esquecer de tanto saber. Em conformidade com esse pensamento, o conceito de *Escrevivência* norteará o nosso estudo ao propor outra possibilidade ão da obra.

### **Escre(vivendo)**

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a

dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), além do que é responsável por inaugurar a ideia da *escrevivência*, utilizada por ela para ilustrar a origem de sua escrita:

(...) creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo de palavras, das histórias que habitavam nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. (EVARISTO, 2007, p. 19).

Embora Conceição Evaristo já tenha dito/escrito que suas obras perpassam pelo seu lugar de mulher, negra e pobre no Brasil, seus escritos não são retratos fiéis de sua história e, diferente do que se possa pensar à primeira vista, não se trata de uma autobiografia, mas sim de “memórias ficcionalizadas”, assim, abrindo espaço para a invenção. Pode-se constatar isso por intermédio da introdução de *Insubmissas lágrimas de Mulheres* (2011):

Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma *escrevivência* (EVARISTO, 2011, p. 9).

No trecho acima Evaristo faz o leitor refletir sobre a inviabilidade de narrar fielmente algo que aconteceu, pois sempre haverá lacunas de esquecimento na memória que precisarão ser preenchidas com a invenção, o que nos leva a uma breve reflexão de Lejeune sobre a autobiografia: “para que haja autobiografia, é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem” (LEJEUNE, 2008, p. 15).

Partindo do pensamento de Evaristo em contraste com o de Lejeune, mesmo que o pacto estivesse selado entre autor, narrador e personagem não haveria possibilidade de se escrever/narrar o fato tal como aconteceu. Vemos entre as ideias de Lejeune e Evaristo um conflito, onde um não descarta a possibilidade do pacto

autobiográfico e outro acredita ser impossível escapar da ficção e, por isso, estabelece o conceito da *escrevivência* como alternativa.

É oportuno trazer as reflexões de Saer (2009) sobre o conceito de ficção para aumentar a discussão, pois, assim como a escritora de Ponciá Vicêncio (2003), ele aponta os obstáculos encontrados pelos textos que buscam estar próximos da “suposta verdade objetiva”, afinal de contas, mesmo que exista a finalidade de estar próximo da veracidade “continua existindo o obstáculo da autenticidade das fontes, dos critérios interpretativos e das turbulências de sentido próprias a qualquer construção verbal” (SAER, 2009, p. 2). Em síntese, tanto Saer como Evaristo chamam atenção para o fato de que escrever ficção não significa se esquivar da “verdade”, pelo contrário, evidencia “o caráter complexo da situação, caráter complexo de que o tratamento limitado ao verificável implica uma redução abusiva e um empobrecimento” (SAER, 2009, p. 2). Afinal, se as produções de Evaristo fossem classificadas como autobiografias seriam reduzidas a um tratamento limitado e empobrecido de interpretações, por isso, ela cria a ideia da *escrevivência*, que condiz com o conceito de ficção saeriano, pois “representa o caráter duplo da ficção que mescla, de um modo inevitável, o empírico e o imaginário” (SAER, 2009, p. 2), bem como a ideia defendida por Evaristo.

A *escrevivência* permite a ela falar de si indiretamente sem se nomear, ou seja, “está explícito o comprometimento, mas o pacto não é realizado [...] Na *escrevivência*, os textos não surgem ‘do nada’, mas o processo criativo se faz a partir de todas essas vivências” (FERREIRA, 2013, p. 49). Não há uma preocupação em transpor para os textos sua história nos mínimos detalhes, o relato é formado por fragmentos da memória, sendo assim, pode-se dizer que ela cria uma “ficção da memória”, que surge “para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas” (EVARISTO, 2006, p. 10). Logo, em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* perceberemos que, apesar dos críticos apontarem aspectos da biografia de Lima Barreto embutidos no texto, não conseguiríamos engessar o texto ao trato de um gênero autobiográfico, principalmente se pensarmos que existe um fosso entre o vivido e o narrado que pode ser preenchido com a ficção, assim como é exposto no conceito criado por Conceição Evaristo.

### **Recordações de Isaías**

Publicado em 1909, trata-se do primeiro romance de Lima Barreto. O texto é narrado em primeira pessoa e traz as memórias de Isaías Caminha, menino do interior e de uma família com poucas condições financeiras. Em busca de uma melhora de vida, ele que sempre foi destaque na escola por sua inteligência e esforço, deixa sua mãe e parte para o Rio de Janeiro com dezoito anos em busca de um título de doutor. Em contrapartida, ele chega à cidade e se depara com diversas dificuldades num mundo cercado de aparência, hipocrisia e desonestidade, bem diferente do que vivera no seio de sua família humilde. Sem conseguir o apadrinhamento esperado, não consegue o título de doutor e acaba tendo que trabalhar em uma redação de jornal.

Para delinear melhor os traços dos aspectos discutidos no romance é apropriado argumentar sobre o prefácio da primeira edição intitulado “Breve Notícia”, assinado por Isaías Caminha, o qual, na segunda edição, torna-se, de fato, um prefácio, restabelecido e subscrito pelo autor, onde o amigo Lima Barreto apresenta Isaías e conta ao leitor sobre a história da edição e publicação do livro, pois segundo ele “não havia motivo para supressão de tanta coisa interessante que muito concorre para a compreensão do livro” (BARRETO, 2010, p. 10).

Segundo Schwarcz (2017), as primeiras páginas do romance saíram na revista *Floreal*<sup>5</sup> e, logo mais, o escritor se depararia com diversas dificuldades para conseguir publicar o livro. A publicação veio graças à ajuda do amigo João Pereira Barreto, que já havia publicado um livro de poemas em Portugal e, se prontificou a apresentar o jovem escritor para o seu editor. O então editor Antônio Noronha Santos leva os originais do romance para a Europa e, assim, o livro é lançado pela Livraria Clássica Editora, de A. M. Teixeira & Cia, com a condição de que o autor abriria mão dos direitos autorais.

O que desencadeia no personagem a vontade de escrever sobre as suas recordações é a leitura de uma revista a qual “fazia multiplicadas considerações desfavoráveis à natureza da inteligência das pessoas do meu nascimento [pessoas negras]” (BARRETO, 2010, p. 11). O personagem narra as suas memórias na

---

<sup>5</sup> Segundo SCHWARCZ (2017), Lima Barreto cria a revista em grupo no ano de 1907, ela tem duração de apenas um ano e, com ela, o carioca pôde publicar os primeiros capítulos do *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) e arranhou desafetos entre literatos e jornalistas.

intenção de contrapor os argumentos que leu, “pois se uns não destruíssem os outros, ficariam ambos face a face” (BARRETO, 2010, p. 11). No entanto, quando avalia sua vida desde o “nascimento, infância, puerícia e mocidade” (BARRETO, 2010, p. 11) chegou a concordar com o escrito da revista: “mentalmente comparei os meus extraordinários inícios nos ministérios das letras e das ciências e os prognósticos dos meus professores de então, com este meu triste e bastardo fim de escrivão de coletoria de uma localidade esquecida” (BARRETO, 2010, p. 11).

O personagem é do interior, assim, ele tinha uma idealização do Rio de Janeiro, a então capital do país. Isaías não é o único personagem que tem a sua ingenuidade emancipada por meio das opressões sociais na obra barretiana. Policarpo Quaresma e Clara dos Anjos são outros exemplos disso. Policarpo passa a vida inteira servindo cegamente a pátria e acaba sendo esmagado pelo país que tanto amou e defendeu: “A pátria que quisera ter era um mito” (BARRETO, 1911, p. 99); Clara não tem consciência do seu lugar marginalizado de mulher negra até que descobre da pior forma, ao ficar grávida e ser abandonada por Cassi Jones: “- Nós não somos nada nesta vida” (BARRETO, 1922, p. 77).

Isaías Caminha sai da sua cidade com pouca idade, o que demonstra a sua inconsciência do que enfrentaria, pois sai quase convicto de que obteria um título de doutor. O título de doutor era uma oportunidade ótima para se distanciar de sua origem pobre. Desta forma, ele passa a idealizar o título como se fosse a solução de todos os seus problemas e faz jus a uma das críticas barretianas à sociedade da época: a ascensão social a partir do favor. Em sua descrição da paisagem vista pela janela do trem há uma cena alusiva à crítica mencionada:

Eram as mesmas charneças úmidas ao sopé de morros de porte médio, revestido de um mato ralo, anêmico, verde-escuro, onde, por vezes, uma árvore de mais vulto se erguia soberbamente como se o conseguisse pelo esforço de uma vontade própria (BARRETO, 2010, p. 25).

As pessoas em seus cargos de destaque agiam de forma tão soberba quanto às árvores da cena (como se tivessem alcançado tal posição por mérito próprio) e o protagonista se depara com esses indivíduos em diversos momentos de suas recordações. Não existiam muitas árvores na paisagem, assim como nem todos os apadrinhados conseguiam ascender na sociedade. Quando o desventurado lê em um diário que o seu colega Felício se formara em farmácia, tem quase certeza da



partida, afinal era o “Felício! Tão burro! Tinha vitórias no Rio! Por que eu não havia de ter também...” (BARRETO, 2010, p. 17). Ele parte para a capital no intuito de pertencer ao grupo seletivo de árvores e, mesmo com um ótimo histórico escolar e um padrinho influente, foi empurrado para o grupo do “mato ralo e anêmico”, por conta da sua origem pobre e da sua cor. Mais à frente, a metáfora da árvore reaparece, desta vez para enfatizar o seu desamparo: “Eu era uma árvore cuja raiz não encontra mais terra em que se apoie e doente tire vida” (BARRETO, 2010, p. 46).

Quando o narrador se refere ao problema do apadrinhamento, ele está levantando um problema de ordem social que perpassa pela biografia de Lima Barreto, isto é, um fato que passa pela experiência. No entanto, a experiência do autor é apenas um dos elementos que regem o relato apresentado, visto que, tal como na ideia da *escrevivência*, o narrador descreve a cena das árvores e transforma a memória de um fato (social) em uma “ficção da memória”.

O protagonista imagina que sua ascensão na cidade grande está garantida após receber a carta de recomendação do Coronel Belmiro: “A minha situação no Rio estava garantida. Obteria um emprego. Um dia pelos outros iria às aulas, e todo o fim de ano, durante seis, faria os exames, ao fim dos quais seria doutor!” (BARRETO, 2010, p. 5). A ida para o Rio de Janeiro desencadeia uma série de decepções, que já começam no início de sua jornada.

Como se demorassem a trazer-me o troco e reclamei: ‘Oh!’ fez o caixeiro em tom desabrido. ‘Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo’ Ao mesmo tempo, ao meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me (BARRETO, 2010, p. 25).

Quando isso acontece, devido a sua tamanha inocência de menino do interior, não percebe que havia sido discriminado por sua cor: “trôpego e tonto embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos. Não atinei [...] Por que seria então, meu Deus?” (BARRETO, 2010, p. 26). Dentre as diversas decepções encontradas pelo personagem da história, resultado de sua idealização e ingenuidade, ele reflete sobre a falácia da política no Brasil presente desde os primeiros anos da República e, também, reflete sobre o desconhecimento das pessoas sobre os seus representantes: “admirado que aquela porção de gente trabalhasse sob o sol tão ardente, sem examinar que valor tinham suas Câmaras e o seu governo” (BARRETO, 2010, p. 41). Além disso, se decepciona com a facilidade com que as pessoas o aceitavam, não questionavam, não se importavam, não

examinavam seus feitos: “Gente miserável que dá sanção aos deputados, que os respeita e prestigia! Por que não lhes examinam as ações, o que fazem e para que servem? Se o fizessem... Ah! Se o fizessem! Que surpresa!” (BARRETO, 2010, p. 58).

Durante muitos dias o personagem tenta encontrar o deputado que teoricamente lhe daria o emprego, mas não o encontrava. Ele ia “todo dia ao hotel cheio de alacridade, figurando comigo mesmo ao encontro com o deputado, imaginava-lhe a bondade do acolhimento” (BARRETO, 2010, p. 48), contudo, não é o que ocorre quando o encontro entre os dois acontece, o deputado pede que o jovem “o procurasse no escritório, que havia de ver...” (BARRETO, 2010, p. 57). No seu retorno para o hotel onde estava hospedado lê no jornal o seguinte: “Parte hoje para São Paulo, onde vai estudar a cultura do café, o doutor H. de Castro Pedreira, deputado federal” (BARRETO, 2010, p. 59). A notícia que lera significava que havia sido enganado pela sua única alternativa de se instalar na cidade. O sentimento de desamparo, revolta e desalento com a sociedade torna-se mais forte depois desse episódio: “fiquei amedrontado em face das cordas, das roldanas, dos contrapesos da sociedade” (BARRETO, 2010, p. 58-59).

Em um almoço “rico de confidências” com um Gregoróvitch (conhecido seu) um pouco depois de descobrir que havia sido enganado pelo deputado e antes de ir à delegacia, refletem sobre as “tirantias morais e psicológicas” (BARRETO, 2010, p. 61) acarretadas pelo patriotismo que, num certo sentido, pode ser as cordas, roldanas e contrapesos de indivíduos que confiam tão cegamente na pátria. Quando ele é preso mais tarde, desta vez, a sociedade o aprisiona no sentido concreto da ação e, enquanto está preso, custa a crer que, no intervalo de horas, ele “pudesse ter os entusiasmos patrióticos do almoço e fosse detido como um reles vagabundo num xadrez degradante [...] As lágrimas correram-me e eu pensei comigo: A pátria!” (BARRETO, 2010, p. 71). A decepção de Isaías com a pátria também é a sentida por Policarpo Quaresma – o amante ingênuo da pátria – na história de seu triste fim.

Depois do almoço de reflexões que quase o “fez esquecer os dolorosos momentos da manhã” (BARRETO, 2010, p. 61) foi atender a intimação do delegado, foi à delegacia, sem saber ao certo o motivo de sua ida. O copeiro do hotel lhe disse por cima sobre um “roubo que houvera no hotel pela noite” (BARRETO, 2010, p. 61). Havia furtado cerca de seis contos em dinheiro e mais alguns objetos de valor do Coronel Figueira (um dos hóspedes do hotel em que ele vivia). Quando pergunta ao

funcionário do hotel o que havia de fazer na delegacia, ele responde que naturalmente seria para depor, contudo, quando ele chega à delegacia e relembra o momento que a resposta veio com “um piscar de olhos cheio de canalhice...” (BARRETO, 2010, p. 62), configurando mais uma, dentre as várias, injustiças sofridas por Isaías, desta vez, a suspeita que o roubo teria sido cometido por ele: “Seria possível? Qual! Eu era estudante, rapaz premiado [...] Nem por sombras!...” (BARRETO, 2010, p. 62).

Enquanto espera por longas horas a chegada do delegado, ouve em um diálogo entre o capitão e o inspetor o chamarem de “mulatinho”. Novamente, desaba ao ver o desmanchar da bolha a qual foi criado em sua cidade natal, excitado pelas ótimas notas e prognósticos de sua professora, onde acordava “com o espírito acariciado pelos nevoentos sonhos de bom agouro” (BARRETO, 2010, p. 17) e reflete sobre o ambiente fantasioso em que vivera até tomar a decisão de viajar para o Rio: “Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenção comigo” (BARRETO, 2010, p. 64).

Os nevoentos sonhos da vida roceira encontravam-se abafados na sala da delegacia na qual ele esperava o delegado: “A temperatura continuava elevada e o ar abafado da sala incomodava-me” (BARRETO, 2010, p. 66). Os elementos da natureza servem para enfatizar os sentimentos do personagem diante da sucessão de acontecimentos desagradáveis. “Nuvens plúmbeas já de todo tinham coberto a nesga do céu vista pela janela. Havia como que fuligem na atmosfera e a luz do sol tornara-se de uma amarelo pardacento e fúnebre” (BARRETO, 2010, p. 66). A formação das nuvens cinzentas e a palidez do sol prenunciam mais desgraças na vida do jovem rapaz que, de fato, acontecem.

Durante a longa espera pelo delegado, duas mulheres entram na delegacia: “do povo, desgrenhadas, rotas, que dois soldados, com esforço, mantinham separadas” (BARRETO, 2010, 67). Uma acusava a outra de roubar os ovos da sua galinha: “Procurava daqui, procurava dali, nada de achar... Hoje eu tinha saído para levar o jantar do Manduca e quando vi que a galinha vinha saindo da casa dessa mulher” (BARRETO, 2010, P. 67). O acontecimento da galinha pode parecer efêmero (nem sequer é dado nome às mulheres na cena), mas pode ter sido um recurso utilizado pelo narrador para metaforizar sua frustração mediante a sucessão de desventuras que ele passou, perceptível na fala comovida da dona da galinha:

— Me perdoe, “seu” inspetor! A gente é pobre... Foi a patroa que me deu o “bichinho”... A gente pensa: vamos ter uma gemada, uma fritada, um doce, uma coisa ou outra... Compra-se milho e se espera... e se espera... No fim a gente vem a saber que os outros é que comem os ovos... Ah! Meu Deus!... É duro! É duro! É sina da gente... (BARRETO, 2010, p. 67).

Assim como já mencionado na discussão sobre o conceito de Evaristo, nada é posto no texto sem propósito e, nesse sentido, Barthes discute sobre a descrição antológica, ou melhor, a descrição que tira o objeto de uma posição quase insignificante e o “transforma em espetáculo para nós” (2007, p. 82). A galinha e as duas mulheres estão postas na história com um propósito que vai além de um mero desejo de descrever. A espera da dona da galinha pelos ovos pode ser a busca de Isaías pelo título de doutor. Quando ele sai da sua cidade em busca do seu sonho de ser doutor, de certa forma, espera o título como a dona da galinha espera os ovos, todavia, ao invés do milho e do cuidado empregado pela dona da galinha, Isaías se dedica com mérito aos estudos. Ele sonhou, esperou e se preparou para conseguir e, no fim das contas, outra pessoa usufruiria dos ovos, ou melhor, do título de doutor.

Quando o rapaz sai do colegial, ganha um livro chamado “Poder da Vontade”, este livro vira o seu livro de cabeceira. Mesmo ele não contando para o leitor o conteúdo do livro, o título dele pode ter relação com a trajetória do personagem. O livro pode ter sido um dos fatores que alimentaram, de certa forma, a convicção que a força de vontade bastaria para ele ter a sua ascensão como doutor. Entretanto, ele vê a ideia dissolvida diante do que vivencia na cidade que tanto havia sonhado. “Revoltava-me que me obrigassem a depender tanta força de vontade, tanta energia com coisas em que os outros pouco gastavam” (BARRETO, 2010, p. 78). Assim, o poder da vontade mostrou-se insuficiente para ele, por conta de sua cor e origem.

Em suas andanças pela cidade, ele se depara com o mar e a descrição do objeto (mar) vira um espetáculo para o leitor: “Só o mar me contempla com piedade, suggestionando-me e prometendo-me grande satisfação no meio de sua imensa massa líquida...” (BARRETO, 2010, p.80). No trecho, o mar é retirado de sua função comum e passa a ter sentimentos por Isaías, diferente da sociedade a sua volta que tanto o esmagou, como bem enfatiza o narrador ao repetir a palavra “esmagado” seis vezes durante a história. Assim, “a função está aqui traiçoeiramente extravasada pela própria existência do objeto” (BARTHES, 2007, p. 84). O narrador

tira o mar de sua função natural e o transforma em, segundo Barthes (2007), um itinerário visual.

Sobre a descrição do mar, poder-se-ia pensar na discussão levantada por Barthes (2007) sobre a literatura objetiva, ou melhor, a “literatura em superfície”. Em posse da ideia de Barthes, o romance de Lima Barreto pode ser considerado um romance que se instala no plano superficial, ou seja, “o romance é uma experiência do que cerca o homem, sem que esse homem possa prevalecer-se de uma psicologia, de uma metafísica ou de uma psicanálise” (BARTHES, 2007, p. 92) para abordar o que se pretende no texto, em síntese, a vivência ficcionalizada do autor propõe uma ruptura com a profundidade clássica, onde ensina a ver “o mundo não mais com os olhos do confessor, do médico ou de Deus [...], mas com os de um homem que caminha em sua cidade sem outro horizonte senão o espetáculo, sem outro poder senão o de seus olhos” (BARTHES, 2007, p. 92).

Veza ou outra o narrador interrompe suas recordações para refletir sobre os efeitos do passado em seus dias (o tempo em que a história está sendo narrada). Desta forma, o narrador está contando para o leitor o seu passado, ao passo que reflete sobre os efeitos dele no presente, já mais velho, com mulher, filhos, escrivão e com uma vida mediana bem diferente do que sonhou para si, perceptível no trecho: “Hoje, agora, depois de não sei de quantos pontapés deste e de outros mais brutais, sou outro, insensível e cínico, mais forte talvez [...], porém, diminuído de mim próprio, do meu primitivo ideal...” (BARRETO, 2010, p. 64).

O livro divide-se em dois momentos, no primeiro momento veremos um Isaías mais ingênuo e cheio de sonhos antes de conseguir o emprego de escrivão e no segundo momento ele já faz parte do jornal e usa vários momentos de suas memórias para ora criticar, ora ironizar o poder que a imprensa possuía: “Era a imprensa, a Onipotente Imprensa, o quarto poder fora da Constituição!” (BARRETO, 2010, p. 114).

Na segunda parte há também um Isaías conformado, já sem as ambições que o levaram até o Rio de Janeiro: “No começo, custei a conformar-me com a posição de contínuo, mas consolei-me logo, ao lembrar-me dos meus heróis do *Poder da vontade*” (BARRETO, 2010, p. 115). Olhando de fora a situação em que ele esteve perambulando pelas ruas do Rio de Janeiro comendo mal, devaneando em seus pensamentos e sonhos, o protagonista “sentia ainda muito abertos os ferimentos que aquele choque com o mundo causara” (BARRETO, 2010, p. 116). E, diante

desses ferimentos, havia um medo de reviver as experiências sentidas por ele na capital do Brasil e, por isso, ele metáforiza (para explicar) o porquê de sua inércia após a entrada na redação do jornal: “Tinha atravessado um grande braço de mar, agarrava-me a um ilhéu e não tinha coragem de nadar de novo para a terra firme que barrava o horizonte a algumas centenas de metros. Os mariscos bastavam-me e os insetos já se tinham me feito grossa a pele...” (BARRETO, 2010, p. 116).

Em propriedade das contribuições barthesianas percebe-se no parágrafo anterior que, na efemeridade da descrição há uma reflexão clara, pois, o narrador está transformando os objetos em um espetáculo para o leitor. O medo o fez agarrar-se na imprensa (ilhéu), diante do (mar) de dificuldades que o cercavam. Como já mencionado, ele estava inerte com os poucos trabalhos (mariscos) que a imprensa lhe dava, ao passo que todos os personagens (insetos) que o maltrataram de alguma forma durante a narrativa desfizeram a sua ingenuidade de menino do interior, isto é, engrossaram sua pele.

Uma passagem atrativa do livro diz a respeito a um projeto de lei municipal sobre o uso obrigatório de calçados que o narrador chama de “crise de elegância que, de quando em quando, nos visita” (BARRETO, 2010, p. 138). Nesta parte é perceptível o olhar sempre fixo do brasileiro para o estrangeiro – pois o projeto é pensando por conta de Buenos Aires – ao passo que mostra a ignorância da classe pensante da época quanto aos problemas de ordem social: “Aires d’Ávila chegou mesmo a escrever um artigo, mostrando a necessidade de ruas largas para diminuir a prostituição e o crime e desenvolver a inteligência nacional” (BARRETO, 2010, p. 139). No trecho é evidente que há certo exagero, contudo, propõe uma reflexão ao leitor, ou melhor, segundo Benjamin, possui uma “dimensão utilitária”, que pode estar presente “seja num ensinamento moral, seja numa questão prática, seja num provérbio ou numa norma da vida” (1987, p. 200).

É inútil pensar que os acontecimentos “pequenos” estão postos na história sem que haja algum propósito, assim como o episódio do roubo da galinha, a narração a seguir requer atenção. Como mencionado em alguns trechos das recordações é notório o descontentamento do personagem com os políticos da sua época. Assim, ao narrar um acontecimento no cais (onde estavam presentes ministros, juízes, coronéis, etc.), fica interessante o contraste entre a recepção dos presentes e a indiferença de Isaías quando chega um determinado ministro [não identificado]:

Chegou o ministro. Um movimento igual fez todos voltarem-se para o lado em que ele vinha. A atitude foi instantânea em cada homem e em cada mulher; era como se ao centro de uma porção de limalha de ferro espalhada, se houvesse chegado um pequeno imã.

O doutor Ricardo cumprimentou a alta autoridade e, a seu chamado, foi-lhe falar. Além do ministro, intrometeu-se uma nova personagem; um velho, quase centenário, de fisionomia simiesca e meio cego (BARRETO, p. 160, 2010).

Enquanto os presentes no cais voltaram-se para a presença da autoridade como se ele fosse um imã, o narrador muda o foco instantaneamente para o velho negro que estava passando e, melhor que isso, coloca o ministro e todas as autoridades presentes em segundo plano e passa a dedicar-se a efêmera passagem do pobre velho pela cena descrita. Ademais, usa “além do ministro” para alertar o leitor que o personagem “intrometido” merece a notoriedade da sua narração tanto quanto o ministro recém-chegado, afinal, em *A preparação do Romance*<sup>6</sup> (2005), Barthes já havia discutido a importância de reservar um tempo ao efêmero, isto é, aquilo que acontece e desaparece.

A passagem do velho quase centenário “que trazia na mão um caniço que distendia um arame de pescaria [...] tocava e esperava esmolas” (BARRETO, 2010, p. 161) poderia ter sido ignorada pelo narrador, mas foi elevada a “irredutibilidade, a nuance fundadora” (BARTHES, 2005, p. 90), pois, enquanto a fisionomia das pessoas “havia decerto piedade, comiseração, e mais alguma coisa [...] constrangimento, era não sei o quê...” (BARRETO, 2010, p. 161), o narrador dedica um tempo a eternizar a passagem do transeunte em suas memórias, pensando que o seu destino poderia ser aquele (por ser negro e de origem pobre), evidente no trecho adiante: “Lembrava da vida de minha mãe, da sua miséria, da sua pobreza, naquela casa tosca; e parecia-me também condenado a acabar assim e todos nós condenados a nunca a ultrapassar” (BARRETO, 2010, p. 203).

Por fim, já distante da condição que esteve durante seus primeiros dias no Rio de Janeiro, com a seu ofício no jornal e a aproximação do dono da redação (que lhe rendeu um posto mais significativo no jornal), encontra-se desajustado, apesar daquela vida brilhante que alcançara, isto é, “sentia bem a desproporção entre o

---

<sup>6</sup> Projeto de romance composto de notas, anotações e esboços de textos que compuseram o último curso de Barthes ministrado no Collège de France, entre 1978-1979.

meu destino e os meus primeiros desejos” (BARRETO, 2010, p. 200). Sentia que aquela posição no jornal não lhe pertencia, afinal de contas, todas suas ânsias e sonhos foram deixados para trás apenas para conseguir sobreviver naquela sociedade que o fizeram adormecer em si.

O narrador está relatando a sua história do presente, isto é, desenterrando as suas lembranças para contar a história da sua vida e, assim, nos levando a um passeio pela sua história desventurada (até onde sua memória permite lhe permite chegar). Dito isso, podemos refletir que, em algum momento durante o relato a memória lhe faltou e a tensão entre a ficção e biografia foi estabelecida.

### **Conclusão**

A *escrevivência* nasce para Conceição Evaristo do acúmulo do que ela vivenciou, das palavras ouvidas, dos fatos contados, além disso, a sua própria vivência é atravessada por outras vivências e, da mesma maneira, o relato de Isaías combina em partes com a biografia de Lima Barreto, se cruza com História do Brasil e, também é atravessado por outras histórias, isto é, personagens típicos do cenário carioca do início do século XX perpassam pela sua narração, pois a gênese da *escrevivência* reside justamente nesse acúmulo de vivências, todavia, sem que seja necessária a comprovação das fontes, pois o caráter ficcional do texto nos permite compreendê-lo de múltiplas formas.

Como vimos durante a análise do romance, a tensão entre ficção e autobiografia toma uma proporção positiva se pensarmos no enriquecimento de possibilidades que o texto nos deu durante a análise. A construção do texto se dá por meio de “ficções da memória”, ficção e memória se correlacionando para construir a narrativa. Podemos observar que, mesmo o narrador em Lima Barreto perpassando pela sua experiência para contar a sua história, não há comprometimento com o fato, pois o fosso entre o acontecimento e a narração está aberto. Ao valorizar objetos, espaços e momentos efêmeros por intermédio de pontes metafóricas é possível perceber a ligação entre as recordações de Isaías e a noção de *escrevivência* levantada por Conceição Evaristo.

Ao ler a história de Isaías Caminha é fácil pensar que a história tem um cunho autobiográfico (principalmente pela similaridade com a biografia do autor). Entretanto, a ideia da *escrevivência* nos advertiu sobre o perigo de confiar fielmente na narração de um fato, afinal, mesmo que a obra se firme no que supostamente



teria sido vivenciado, existem lacunas na memória que precisam ser preenchidas. A articulação que o narrador em Lima Barreto faz entre o relato factual e a ficção (de que o leitor não consiga estabelecer os limites entre um e outro) é a materialização do conceito de Conceição Evaristo.

Em síntese, mesmo que Lima Barreto tenha transferido para Isaías Caminha diversos traços de sua identidade, como: as vivências no Rio de Janeiro do século XX, dificuldades enfrentadas por ser negro, o trabalho no jornal e origem humilde, há de se considerar que houve espaço para criar. Ademais, mesmo em textos com proposta autobiográfica e/ou memorialística – como em Lima Barreto – a ficção estará embutida. Quando o personagem se refere aos políticos, literatos e jornalistas é claro um tom exagerado na descrição ou quando ele transforma os objetos da cena em uma “descrição antológica” é aparente o flerte com a invenção. O narrador inventa para cobrir os vazios de uma memória fragmentada, pois um fato dificilmente será contado tal como aconteceu. Para Evaristo (2006) existe um espaço entre a narração e o acontecimento e, nesse espaço em branco, explodirá a invenção.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó - SC: Argos, 2009.

ALBUQUERQUE, Lucas Söhn. *A “experiência social” de Lima Barreto: crítica e marginalização em Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. 2020. Tese (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História - Universidade de Santa Catarina, 2020.

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Martin Claret, 2010 [1909].

\_\_\_\_\_. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959 [1911].

\_\_\_\_\_. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956 [1922].

\_\_\_\_\_. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1956 [1919-20].

\_\_\_\_\_. *Obras Completas*. BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). São Paulo: Brasiliense, 1956, 17 vv.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BARTHES, Roland. Literatura Hoje. In: \_\_\_\_\_. *Crítica e verdade*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 69-79.

\_\_\_\_\_. *A preparação do romance I: da vida à obra*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

\_\_\_\_\_. As Teses sobre o Conceito de História. In: *Obras Escolhidas*, Vol. 1, p. 222-232. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BERGAMIN, José. "Leer y releer". IN: *La corteza de la letra (palabras desnudas)*. Tradução de Camila Bylaardt Volker. Buenos Aires, Editorial Losada S.A., 1957, p. 13-17.

EVARISTO, Conceição. "Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita". Marcos Antônio Alexandre, org. *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

\_\_\_\_\_. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v.13, n.25, p.17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>>. Acesso em: dezembro de 2020.

\_\_\_\_\_. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

\_\_\_\_\_. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FERREIRA, Amanda C. *Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães*. 2013. Tese (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2013.

FIGUEIREDO, C. I. Negreiros de. Lima Barreto e o romance: crítica e crise, *Teresa*, n.14, p. 141-166, jun. 2014.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NOGUEIRA, Clara Asperti. Lima Barreto: sensibilidade e percepção crítica, *Revista Contexto*, n. 19, p. 249-279, jul. 2011.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

\_\_\_\_\_. Sonhos e mágoas de um povo. In: BARRETO, Lima. *Toda Crônica*. Apresentação e notas Beatriz Resende. Organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

SAER, Juan José. O conceito de ficção. *Revista Sopro*, Curitiba, n. 15, p. 1-4, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.